



## Presença do Sotaque Nordestino no Telejornalismo Brasileiro<sup>1</sup>

Camila de Lima BEZERRA<sup>2</sup>

Gloria RABAY<sup>3</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### Resumo

O Telejornalismo é uma das variantes da Comunicação Social mais difundida nos lares brasileiros. O telespectador geralmente tem um ou mais programas jornalísticos preferidos, e é através destes que ele percebe o que acontece no mundo. Sua percepção muitas vezes é limitada inclusive à linguagem utilizada neste programa, o que, geralmente, faz com que o telespectador a assimile como sendo o único modo correto dentre todos os outros praticados. Este trabalho explora a presença do sotaque nordestino no Telejornalismo brasileiro sob um caráter histórico e reflexivo.

**Palavras-chave:** Sotaque; Telejornalismo; Nordeste;

### Introdução

A Língua Portuguesa é característica pela variedade linguística, de sotaques e entonações por seus falantes, e particularmente no Brasil, se desenvolveu de maneira diferente dos outros lugares onde é falada. Originada do Latim, foi na Península Ibérica que tomou forma a partir do contato com a população local, que depois difundiu sua linguagem e cultura às suas colônias.

Foi no período das navegações que a Língua Portuguesa se espalhou pelos outros continentes e atualmente está presente, além da Europa, na América, África e Ásia. No Brasil, a colonização efetiva por parte do Reino de Portugal se deu a partir do ano de 1532 e o Português foi instituído como língua oficial destas terras. A Língua Portuguesa sofreu inúmeras modificações e adequações, já que antes dos portugueses havia os índios e depois vieram os escravos africanos, além dos incontáveis migrantes

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante de graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba, email: [camiladelimabezerra@gmail.com](mailto:camiladelimabezerra@gmail.com).

<sup>3</sup> Professora Doutora, Orientadora do trabalho - Jornalismo / UFPB, email: [gloria.rabay@gmail.com](mailto:gloria.rabay@gmail.com).



que eram atraídos pela novidade das Américas. A diversidade de nações, costumes e culturas que conviviam no início do desenvolvimento do Brasil ajudaram a formar o que hoje conhecemos como a nossa nação, com todos os costumes, modo de falar, maneiras de se expressar e as diferentes culturas que conhecemos dentro do mesmo território.

A diversidade linguística brasileira originou-se nas diversas nacionalidades dos colonizadores que passaram no país durante a época da colonização, na variedade de povos africanos escravizados e trazidos para o Brasil, bem como na multiplicidade de línguas faladas pelos nativos que já residiam nestas terras antes de serem invadidas pelos europeus, isto sem mencionar o processo migratório que no início do século XX, atraiu espanhóis, italianos, alemães, japoneses, entre outras nacionalidades ao Brasil, além da extensão continental do País entre outros fatores.

Hoje, os diversos territórios do país possuem sotaques múltiplos, características que muitas vezes extrapolam os limites regionais ou mesmo estaduais oficiais, sendo muito comum sotaques diferentes dentro de um mesmo estado.

Com o seu enorme território (mais de oito milhões e meio de quilômetros quadrados) e a sua população de 120 milhões de habitantes, o Brasil não está em proporção com Portugal (92.000 km<sup>2</sup> e 9 milhões de habitantes). A língua desse imenso país é, no entanto, o português. Essa massa de lusófonos brasileiros contribui de uma forma decisiva, na altura do século XX em que vivemos, para fazer do português uma língua de importância internacional (TEYSSIER, 2001).

O Nordeste é a maior região brasileira em extensão, constituída por nove estados, e sua delimitação geográfica oficial ocorreu em meados do século XX pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Como todas as regiões do Brasil, fala a Língua oficial do país, o Português. Porém, as diversas e específicas influências linguísticas somadas a fatores de outras ordens auxiliaram na formação da identidade e do sotaque regional, fazendo com que o habitante “modificasse” a entonação e outros aspectos da língua pátria. Este fato não é exclusivo da região nordestina, acontece também nas outras regiões, estados e até cidades do país, o modo de falar muda de acordo com o lugar em que se está, fazendo com que a Língua Portuguesa possa ser percebida como múltipla.

Apesar das transformações linguísticas serem comuns a qualquer lugar, algumas peculiaridades regionais causam, muitas vezes, estranhamento entre ouvintes de outras regiões do país. Esse “estranhamento” pode vir acompanhado de preconceitos



linguísticos e, conseqüentemente, de uma interpretação depreciadora do sujeito falante, tido, nestes casos, como alguém que não se expressa corretamente. É importante ressaltar que o preconceito linguístico é uma das facetas do preconceito regional e da xenofobia, uma vez que o sotaque é um dos principais identificadores culturais de territorialidade e “denuncia” a origem do sujeito falante. No caso do Nordeste esta origem se relaciona, no imaginário nacional, a um local pobre e seco habitado por indigentes e migrantes entre outras características correntes.

Bernardes (2007) assegura que “a expressão Região Nordeste, ou, simplesmente Nordeste, possui, atualmente, significados já muito cristalizados que evocam uma série de imagens, tanto das suas características geográficas, quanto culturais, sociais e econômicas”. Com o passar do tempo foi estabelecida sobre o Nordeste brasileiro uma forte carga de estereótipos, que geralmente vêm seguidos de preconceito e discriminação. O estereótipo criado é a de uma terra seca, na qual tem sempre gado morto pelas estradas, cactos pelo caminho e nada de chuvas, e ainda por cima tem um povo sem estudo, sem cultura, alienado, intolerante e que sempre está passando fome ou necessidade. Portanto, a imagem que considerável parcela da população tem dos nordestinos é a de que sempre fazem tudo errado, por ignorância, e não sabem sequer falar corretamente, porém na maioria das vezes esta atribuição de valor torna-se equivocada, levando-se em conta MARROQUIM, 1945, que afirma que “a pronúncia do nordestino é a que caracteriza em geral o falar brasileiro: é demorada, igual, digamos mesmo arrastada, em contraste com a prosódia lusitana, áspera e energética”.

Em meados do século XX, mais precisamente no ano de 1950, a televisão chegou ao Brasil, trazida por Assis Chateaubriand. Como não existiam aparelhos de televisão nos lares brasileiros, quando o primeiro canal foi ao ar, Chateaubriand distribuiu cerca de 200 televisores em lugares estratégicos de São Paulo para iniciar a popularização do Meio de Comunicação. O primeiro canal brasileiro levado ao ar foi a TV Tupi, e dela foi também o primeiro telejornal produzido e veiculado, o *Imagens do Dia*, que não possuía horário fixo, os programas eram feitos ao vivo e os imprevistos eram frequentes.

Em 1969, estreava na Rede Globo o primeiro telejornal a ser transmitido em rede nacional para todo o Brasil, o *Jornal Nacional*. Até hoje, depois de 43 anos, ele é tido como referência a todos do modo de fazer jornalismo e é tido como o modelo ideal do telejornalismo. Em seu percurso de 43 anos na história do jornalismo, o *Jornal Nacional* mantém elevado índice de audiência todas as noites em que é transmitido,



considerado então como um verdadeiro sucesso no meio televisivo. De acordo com Conrado Moreira Mendes, em seu estudo, desde a sua estreia na Rede Globo, o Jornal Nacional é exibido “diariamente, às 20h15min. (...) portanto, esse telejornal tem audiência de mais de 29 milhões de pessoas, o que significa 40 pontos de audiência e 61% de share (participação no total de televisores ligados).”

Tendo em mente as imagens dos estereótipos sobre Nordeste, as mutações características de qualquer língua viva e as particularidades dos modos de falar de cada região buscamos, neste trabalho, pensar como o sotaque nordestino é tratado no telejornalismo brasileiro.

### **Sotaque Nordestino no Telejornalismo**

Segundo Valle, (2007, p. 7) “o telejornalismo pode ser tratado como um dispositivo produtor de realidades discursivas. Essa é uma estratégia utilizada com o objetivo de proporcionar à notícia a autenticidade que é própria da ‘transmissão direta’”.

O telejornalismo cumpre uma função social e política tão relevante porque atinge um público, em grande parte iletrado ou pouco habituado à leitura, desinteressado pela notícia, mas tem de vê-la, enquanto espera a novela. É justamente por causa desse telespectador passivo que o telejornalismo torna-se mais importante do que se imagina, a ponto de representar a principal forma de democratizar a informação (REZENDE, 2000).

Tratando-se do Brasil, um país com reconhecida diversidade no que se refere à linguística, à cultura e a tantos outros fatores com relação à população, se torna um desafio fazer televisão nacionalmente de modo que interesse à maioria dos habitantes do país. Este desafio se reflete no “modo de falar” da televisão. Considerando as diferenças linguísticas e culturais de cada região, estado ou cidade do Brasil, são perceptíveis os desafios encontrados para que a mensagem possa chegar a uma totalidade das pessoas a quem se quer atingir sem ruídos ou falhas durante o processo da comunicação. O sotaque, portanto, foi considerado uma causa de ruído passível de ser combatida, já que a entonação, a ênfase em algumas letras ou vocábulos, a construção sintática ou mesmo o uso ou os significados diferentes de algumas expressões, podem confundir quem não é da região.

“Por sotaque entenda-se aqui traços indicadores de processos fonológicos gerais e de padrões prosódicos” (RAMOS, 1997, p. 105). Ainda acerca da definição do termo



sotaque, Sales (1997, p. 25), afirma que “vem a ser o jeito de falar de cada região de um país e inclui não só o modo de pronunciar as palavras, como a entonação e o ritmo das frases”.

Para que os jornalistas, repórteres e apresentadores de telejornais pudessem ser entendidos em qualquer parte do país, ficou estabelecida uma padronização fonológica na utilização da Língua Portuguesa para o falar jornalístico televisivo. De acordo com o Congresso de Filologia que aconteceu em Salvador no ano de 1956, “ficou acertado que a pronúncia-padrão do português falado no Brasil seria a do Rio de Janeiro, com algumas restrições. Os ‘esses’, não poderiam ser muito sibilantes e os ‘erres’ não poderiam ser muito arranhados, guturais” (RIBEIRO, 2004 p.123). Portanto, desde então, a linguagem utilizada na televisão é pautada pela ideia passada neste Congresso.

É importante ressaltar o intervalo de 56 anos desde o ano que aconteceu o Congresso de Filologia de Salvador até os dias de hoje e ainda cabe a indagação se esta avaliação de padronização da Língua Portuguesa é realmente válida e necessária. Podemos imaginar os motivos que motivaram a escolha da fala do Rio de Janeiro em detrimento das milhares de outras cidades existentes no Brasil. O poderio econômico e a visibilidade da cidade a tornaram uma das mais conhecidas mundialmente, fazendo com que seja até hoje uma das principais do país. Outro fato é o de ter sido a segunda capital do Brasil, tomando o posto de Salvador no ano de 1763, e ainda o era na época do Congresso de Filologia, fato que pode ter motivado a escolha deste falar local como modelo para o nacional.

Sobre a maneira de falar dos repórteres e apresentadores de telejornais, principalmente no caso da TV Globo, que é atualmente uma das emissoras que detêm o maior número de espectadores e se mantém líder de audiência com o diário *Jornal Nacional*, Conrado Moreira Mendes defende que eles

falam com um sotaque que não remete a lugar algum especificamente e aparentam propor, assim, certa neutralidade e maior compreensibilidade da notícia. Apesar de tais supostas neutralidade e compreensibilidade, existem outras razões que justificam o uso de um falar-padrão ou de um falar “neutro”. Propusemo-nos a analisar esse assunto e percebemos que não se trata de um sotaque neutro, muito pelo contrário. Trata-se de um falar construído, e, que, em última instância, legitima um projeto maior: o projeto da nação brasileira. O falar do *Jornal Nacional* estaria, portanto, relacionado, não coincidentemente, à construção da própria ideia de nação (MENDES, 2006, p.13).



Com o aparecimento das afiliadas em todo o país, a Rede Globo de Televisão sentiu a necessidade de uniformizar a maneira de falar, então foi desenvolvido o Prodetaf (Projeto de Desenvolvimento do Telejornalismo das Afiliadas), que tem como objetivo “minimizar as distorções entre diferentes regiões do Brasil e criar um padrão de qualidade no telejornalismo de todas as emissoras da Rede Globo” (RIBEIRO, 2004, p.123).

Entretanto, a diversidade e riqueza linguística brasileira não foram levadas em consideração quando ficou estipulado o “sotaque padrão” brasileiro. Ainda de acordo com Conrado Moreira Mendes, a padronização do modo de falar na televisão brasileira corresponde a

um falar que não pertence, de fato, a nenhuma cidade do Brasil. Poder-se-ia denominar o falar do Jornal Nacional, o falar da “Via Dutra”, do eixo Rio-São Paulo. Ou seja, um falar cujas características estão compreendidas entre os falares das cidades Rio de Janeiro (padrão estabelecido) e São Paulo (ausência de “esses” sibilantes, chiados, e de “erres” guturais) (MENDES, 2006).

A explicação da rede e de alguns estudiosos de Fonoaudiologia para a padronização da fala e a suavização dos sotaques é a de que ajudaria na compreensão da notícia por parte do telespectador. Batista e Figueiredo, em seu estudo dizem que

o que ocorre no telejornalismo brasileiro é que cada vez mais se tenta apagar essas marcas quando tratam da linguagem oral, onde são mais perceptíveis na televisão. Percebemos que não há a preservação das características originais em nenhuma região, e mesmo identificando que há a presença de certos sotaques, os mesmos originalmente não são mantidos. Tal afirmação, como já explicado anteriormente, deve-se ao fato de não permitir que este sotaque se sobressaia à notícia. O que é coerente, visto que, para um habitante da região sul o sotaque recifense, por exemplo, chamará muita atenção se comparado ao conteúdo da própria notícia, pois o mesmo é estranho e incomum para aquele telespectador (BATISTA & FIGUEIREDO, 2009, p. 8).

É perceptível que para algumas emissoras de televisão, a “ausência de sotaque” corresponde a maior qualidade no trato com as notícias, pois uma pronúncia acentuada poderia até confundir o telespectador, deixando em segundo plano o mais importante, que é a notícia em si. A questão é até que ponto interferir na maneira natural de falar dos repórteres e apresentadores. Se uma das grandes premissas do Jornalismo é a aproximação do emissor com seu receptor, um falar construído e distante da realidade da população de nada influenciaria na construção da notícia.



É importante também ter consciência se os reais motivos para a uniformização da maneira de falar no Telejornalismo decorrem ou não dos estereótipos e da desvalorização econômica das regiões não contempladas pelo modo de falar padrão. No Brasil, existe uma concentração de sedes de empresas dos grandes meios de comunicação no Sudeste, além de haver um conhecido histórico de preconceito, discriminação e algumas vezes até intolerância aos habitantes e aos modos de falar das outras regiões não localizadas no polo de desenvolvimento e de riqueza brasileiro, principalmente o Nordeste.

Atualmente, alguns canais de televisão têm apostado em alguns repórteres que preservam o modo de falar da sua região de origem. No caso do sotaque nordestino podemos citar a jornalista da Rede Record Renata Alves que é natural de Recife (PE) e mora em Maceió (AL) desde a infância. A imagem passada de Renata ainda está incluída no estereótipo de que o nordestino é uma figura caricata, e as matérias da repórter geralmente são direcionadas à busca de algo exótico e curioso nas regiões brasileiras e até fora do país. Porém, o que vale ressaltar é a abertura de um canal de televisão a um modo de fazer Jornalismo com sotaque.

Em entrevista concedida ao *Portal Arca Universal* e reproduzida no *Blog Record* (<http://www.blogrecord.net/2011/01/confira-entrevista-com-reporter-renata.html>, acesso em 03 maio 2012), Renata falou sobre seu histórico no jornalismo e sobre a sua relação com o público, que demonstra admiração à repórter, e ainda explicou a sua visão sobre seu “sotaque peculiar”

- Seu sotaque é algo peculiar. Mesmo fazendo matérias nacionais, essa sua característica é bem forte no sentido de manter as origens. Acredita que o sotaque é que te deixa também tão próxima do público?
- Se tem algo que tenho orgulho é das minhas raízes. Simplesmente amo ser nordestina. E o meu sotaque é muito próprio da minha região. Sei que sou uma privilegiada, uma exceção no meio jornalístico. Afinal de contas, podemos contar nos dedos os profissionais que preservam o sotaque. Com certeza essa é a minha grande marca e será para sempre. E o público adora. Sempre que vou para a região Sul, Sudeste, o pessoal diz: “Como ela fala bonitinho”. Acho engraçado e penso: “Como eles também falam bonitinho”. O Brasil é grande demais para ter apenas três eixos: Rio, São Paulo e Brasília como principais “sonoridades”.

A jornalista demonstra com essa visão uma quebra dos paradigmas estabelecidos no telejornalismo. Porém se torna importante uma averiguação da construção de outros paradigmas com a presença de repórteres que fogem ao padrão de fala e representação comuns. Neste caso, a repórter é conhecida por estar sempre envolvida com matérias



exóticas, diferentes do comum e por vezes engraçadas, como por exemplo, sobre a figura folclórica Seu Lunga, ou mostrando as belezas do Piauí, ou ainda as curiosidades de festas folclóricas no interior do país. Porém, nada a impediria de realizar uma cobertura mais séria, já que o modo de falar não é considerado um empecilho pela profissional e pela rede de televisão. O que acontece é que Renata realiza a cobertura de matérias mais informais, a maioria é levada no humor, além de haverem algumas aventuras também. Pode ser que este seja o estilo da repórter, mas também pode ser que seja uma tentativa da emissora de transformar o estereótipo de repórter com sotaque, que seria aquele que está sempre em contato com o público de forma dinâmica e descontraída.

Durante a entrevista já citada, a repórter foi perguntada acerca do teor de suas reportagens, que já são conhecidas como as que tratam de assuntos diferentes, curiosos, bizarros para a parte do país que não conhece certos costumes, principalmente do Nordeste.

- Quais as matérias mais inusitadas?

- Tem algumas matérias que você para e diz: “Meu Deus, o que é isso?” As mais inusitadas quase sempre são no Nordeste. “Eita” povo que inventa moda! Aí, é só colocar uma pitada de irreverência, alegria, pronto, a matéria é sucesso com certeza. A corrida de galinha e a corrida de jegue, em Pernambuco. A festa do quiabo, em que o povo sai deslizando naquela gosma. A festa das cabacinhas. O fuscarroça, em que um cavalo sai puxando metade de um fusca. O bom é que nessa profissão é uma surpresa atrás da outra. E sempre digo: pensei que já tivesse visto de tudo. Depois de algumas matérias assim, sei que sempre terei uma novidade a descobrir.

O sotaque é a maneira de falar do povo, e o Jornalismo é feito para o povo. E os dois, sotaque e Jornalismo podem sim conviver harmonicamente, o desafio é saber utilizar estes recursos de forma harmônica e sem se render à espetacularização da imagem. O cuidado com a criação e manutenção de estereótipos é algo a se levar em conta, quando o assunto é a linguagem utilizada na televisão, pois são as imagens e a linguagem retratadas nos Meios de Comunicação de Massa que estabelecem e auxiliam na construção da cultura e da identidade da população de um país.





## **Considerações Finais**

Percebe-se que o uso do sotaque, especificamente o Nordestino, no Telejornalismo brasileiro não é usualmente indicado e utilizado pelas grandes empresas da comunicação. As justificativas para tal prática dizem respeito ao entendimento do telespectador ao que está sendo dito. Mas esquece de considerar que se existe clareza na fala do emissor da mensagem, a forma como se dá a comunicação acaba ficando em segundo plano.

A questão relevante é sobre a diversidade cultural e linguística do Brasil que podem ficar prejudicadas. A construção de um modo de falar e a padronização deste feito pelos praticantes do Telejornalismo são consideradas geradoras de neutralidade por parte do Meio de Comunicação e do profissional. Mas ao mesmo tempo geram uma perda de identidade linguística e transformação do profissional em um “ser mecanizado”, um “boneco” da empresa.

As características naturais de cada um podem ser preservadas sem que haja prejuízo no exercício profissional do jornalista desde que ele tenha a liberdade necessária. Até hoje os profissionais do Jornalismo que mantêm características regionalistas, como um sotaque marcante, são repreendidos até nas ruas, pela população leiga, porque as pessoas consideram que eles precisam, mais do que ninguém, “falar corretamente” e se fazerem entender. Porém a definição sobre a forma de falar corretamente a Língua portuguesa é vaga, porque a Língua é um organismo vivo, a tempo todo se transforma.



## Referências

BATISTA, C. L. C; FIGUEIREDO, M. A. V; **O local no Nacional: um debate sobre os sotaques no telejornalismo de rede no Brasil.** XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, PR. 2009.

BLOG Record. Confira a entrevista com a repórter Renata Alves. Disponível em <<http://www.blogrecord.net/2011/01/confira-entrevista-com-reporter-renata.html>>. Acesso em 03 maio 2012.

MENDES, Conrado Moreira. **O falar do Jornal Nacional: produção e recepção de um sotaque de natureza ideológica.** Belo Horizonte, 2006.

MEDEIROS. Ana Lúcia. **Sotaques na TV.** São Paulo: Anablumme, 2006.

RAMOS, J. M; **Avaliação de dialetos brasileiros: sotaque.** Rev. Est. Linb. Belo Horizonte. 1997.

REZENDE, G. J; **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial.** Summus. São Paulo. 2000.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornal Nacional: a notícia faz história/Memória Globo.** Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 2004.

SALES, N. J; **Jornalismo em TV - Abordagem Fonoaudiológica.** Monografia apresentada ao CEFAC cursos de especialização em fonoaudiologia para a obtenção do título de especialista em voz para fonoaudiólogos. Recife. 1997.

TEYSSIER, Paul. **Histoire de la Langue Portugaise**, trad. port. de Celso Cunha, **História da Língua Portuguesa.** Martins Fontes. São Paulo. 2001.

VALLE, F. P; **Reflexões sobre o papel da Passagem no Telejornalismo.** XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste – Juiz de Fora – MG. 2007.